

LENIN
NINET



**ИЗ РОССИИ
НЭПОВСКОЙ
БУДЕТ РОССИЯ
СОЦИАЛИСТИЧЕСКАЯ
(ЛЕНИН)**

SCHÜTZT
DIE
SOWJETUNION
НА ЗАЩИТУ
СССР

СОЦИАЛИСТИЧЕСКАЯ



TAMÁS KRAUSZ

RECONSTRUINDO LÊNIN

UMA BIOGRAFIA INTELECTUAL

TRADUÇÃO DE BALTAZAR PEREIRA
COLABORAÇÃO DE PEDRO DAVOGLIO E ARTUR RENZO



© desta edição, Boitempo, 2017
© Tamás Krausz e Monthly Review Press, 2015
Edição em inglês © Eszmélet Foundation
Título original: *Lenin – Társadalomelméleti rekonstrukció*
Título da edição em inglês: *Reconstructing Lenin – An Intellectual Biography*

Direção editorial Ivana Jinkings
Edição Isabella Marcatti e André Albert
Assistência editorial Thaisa Burani e Artur Renzo
Tradução Baltazar Pereira e Pedro Davoglio (livro),
Artur Renzo (notas)
Revisão de tradução Pedro Davoglio
Preparação Thais Rimkus
Revisão Mariana Echalar e Denise Roberti Camargo
Transliteração de palavras e nomes russos Paula Almeida
Coordenação de produção Livia Campos
Capa Pianofuzz Studio
Diagramação e tratamento de imagens Antonio Kehl

Equipe de apoio: Allan Jones, Ana Yumi Kajiki, Bibiana Leme, Camila Rillo, Eduardo Marques, Elaine Ramos, Frederico Indiani, Heleni Andrade, Isabella Barboza, Ivam Oliveira, Kim Doria, Marlene Baptista, Maurício Barbosa, Renato Soares, Thaís Barros, Túlio Candiottó

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K91r

Krausz, Tamás, 1948-

Reconstruindo Lênin : uma biografia intelectual / Tamás Krausz ; tradução Baltazar Pereira, Pedro Davoglio, Artur Renzo. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2017.

: il.

Tradução de: Lenin: társadalomelméleti rekonstrukció

Inclui bibliografia e índice

caderno de imagens

ISBN 978-85-7559-573-2

1. Lenin, Vladimir Ilitch, 1870-1924. 2. Chefe de Estado - União Soviética - Biografia. I. Pereira, Baltazar. II. Davoglio, Pedro. III. Renzo, Artur. IV. Título.

17-44463

CDD: 947.084

CDU: 94(47+57)

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: setembro de 2017

1ª reimpressão: setembro de 2020

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP

Tel.: (11) 3875-7250 / 3875-7285

editor@boitempoeditorial.com.br | www.boitempoeditorial.com.br

www.blogdaboitempo.com.br | www.facebook.com/boitempo

www.twitter.com/editoraboitempo | www.youtube.com/tvboitempo

SUMÁRIO

NOTA DA EDIÇÃO BRASILEIRA.....	9
PREFÁCIO	11
1. QUEM FOI LÊNIN?.....	31
Família	31
Educação.....	41
A personalidade de Lênin como jovem exilado e emigrado	55
A Revolução de 1905 e a segunda emigração	71
No poder.....	88
2. CAPITALISMO RUSSO E REVOLUÇÃO	103
Os desafios na virada do século.....	103
Rompimento com o narodismo.....	106
Rompimento com o liberalismo	112
O debate histórico: a natureza do Estado autocrático	137
3 ORGANIZAÇÃO E REVOLUÇÃO.....	153
O bolchevismo de Lênin: política e teoria	153
Lênin e Bogdánov	174
4 A GUERRA E A QUESTÃO NACIONAL.....	199
Desintegração e dialética	199
Lênin e a Primeira Guerra Mundial.....	212
A questão nacional e a autodeterminação nacional: “duas culturas”	226
5 O ESTADO E A REVOLUÇÃO	247
O impacto de <i>O Estado e a revolução</i> , de Lênin, e seu contexto histórico	247
<i>O Estado e a revolução</i> : fundamento teórico	259

A filosofia da Revolução de Outubro: análise crítica do Estado moderno e do parlamentarismo	265
Revolução e Estado: a alternativa funcional	274
CADERNO DE IMAGENS.....	289
6 DITADURA E DEMOCRACIA NA PRÁTICA	323
A dissolução da Assembleia Constituinte de toda a Rússia.....	323
Violência e terror: causas e consequências.....	357
A onda de repressão de 1922: terminando a guerra civil	369
Lênin e os <i>pogroms</i>	389
Da guerra mundial à guerra civil	404
7 REVOLUÇÃO MUNDIAL: MÉTODO E MITO	423
A origem do problema	423
O tratado de paz de Brest-Litovsk e o patriotismo	430
A Guerra Polaco-Soviética	439
Esquerdismo messiânico.....	452
8 A TEORIA DO SOCIALISMO: POSSIBILIDADE OU UTOPIA?.....	463
As origens conceituais do socialismo.....	464
Da economia de mercado ao comunismo de guerra.....	469
NEP <i>versus</i> comunismo de guerra: contradições irreconciliáveis.....	481
A natureza do poder e a ditadura do partido.....	486
O período da transição: “capitalismo de Estado”	494
Centralismo burocrático e a alternativa termidoriana	497
A teoria do socialismo e suas coerências sistêmicas.....	507
BREVES COMENTÁRIOS EM LUGAR DE UM POSFÁCIO	519
Concepção e sistematização	521
As origens do marxismo de Lênin.....	524
A questão da organização	525
Desenvolvimento desigual e hierarquia do sistema mundial: a revolução ainda é possível?.....	528
Método e filosofia da revolução	530
A perspectiva socialista: a contradição não resolvida	534
CRONOLOGIA: 1917-1924.....	539
ÍNDICE ONOMÁSTICO.....	567
BIBLIOGRAFIA	607

NOTA DA EDIÇÃO BRASILEIRA

Por ser uma investigação aprofundada sobre o pensamento teórico e a prática de Lênin, esta obra recorre com frequência a citações de seus textos. Sempre que possível, reproduzimos traduções desses trechos feitas diretamente do russo, publicadas pela Boitempo ou pela editora portuguesa Avante!. No último caso, foram feitas adaptações pontuais para o português brasileiro.

Considerando o número restrito de falantes de húngaro e russo no Brasil, indicamos traduções sugeridas para os títulos das obras citadas e a transliteração daqueles em russo, a fim de facilitar a identificação. Citações de textos de Lênin não publicados em português foram referenciadas segundo a edição em língua inglesa.

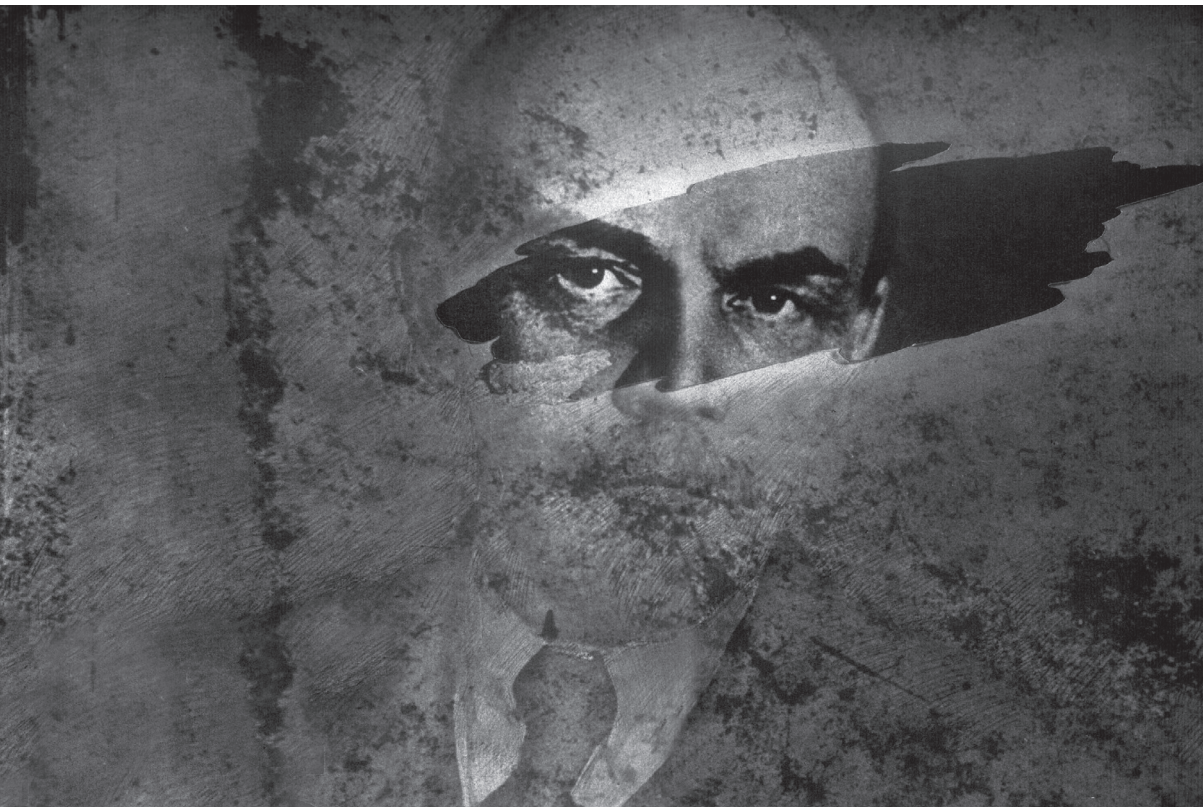
Agradecemos ao autor e também a Eszter Bartha e S. V. Rajadurai por esclarecer as dúvidas de tradução.

Código de notas

LCW: *Lenin Collected Works* (Moscou, Progress, 1960-1970, 45 v.)

OE3T: *Obras escolhidas em três tomos* (Lisboa, Avante!, 1979)

OE6T: *Obras escolhidas em seis tomos* (Lisboa/Moscou, Avante!/Progresso, 1986)



Detalhe de cartaz de Vladislav Jukov, de 1985, sobre fotografia de Lénin.

PREFÁCIO

A famosa tese de Marx de que “soa a hora derradeira da propriedade privada capitalista, e os expropriadores são expropriados”¹ é derivada das contradições da “sociedade moderna”. Porém, foi Vladímir Ilitch [Uliánov] Lênin quem inicialmente concedeu a essa teoria a direção para um programa e um objetivo aplicados. Décadas distante de nós, a primeira experiência histórica voltada de maneira consciente à realização de uma sociedade “sem Estado” (comunismo) – a Revolução Russa, que eliminou o sistema capitalista de trabalho, de divisão do trabalho, e as classes sociais – é a conquista duradoura de Lênin e seus companheiros revolucionários. Ao mesmo tempo, como fundador do Estado soviético, Lênin está inextricavelmente vinculado às sete décadas de história que se originaram dessa experiência antiestatal e anticapitalista.

Há mais de vinte anos não surgem na Europa grandes organizações, movimentos nem partidos políticos, de importância nacional ou internacional, que promovam a *revolução social* ou o *socialismo*, seja ele “de Estado”, seja “sem Estado”. Mesmo assim, os debates sobre Lênin em teoria política e em áreas especializadas da historiografia não diminuíram nem na Rússia nem no restante do mundo. Desde 1991 ficou claro que as principais perspectivas socialistas, de horizonte comunitário, foram desaparecendo das práticas políticas globais. Nesse período, não apenas historiadores, mas também intelectuais e grupos políticos comprometidos com a superação da sociedade burguesa moderna de acordo com diretrizes humanistas tentam enfrentar as causas de sua marginalização enquanto reavaliam com cuidado suas tradições. Buscam entender os precedentes dessas

¹ Karl Marx, *Capital*, v. 1 (trad. Samuel Moore e Edward Aveling, Moscou, Progress, 1987), p. 536 [ed. bras.: *O capital: crítica da economia política*, Livro I: *O processo de produção do capital*, trad. Rubens Enderle, São Paulo, Boitempo, 2013, p. 832].

tradições – suas fontes e suas raízes, e como pensamento e práxis alteraram o curso da civilização. Nessa história abrangente, Lênin – acompanhado de Plekhánov, MártoV, Kautsky, Rosa Luxemburgo, György Lukács, Gramsci e uma extensa lista – certamente desempenhou um papel fundamental, que não se pode ignorar nem mesmo no século XXI. Não obstante, sabemos que os revolucionários socialistas – pessoas cujas ações pretenderam lançar as bases de uma alternativa comunal-humanista ao capitalismo – não são tidos em grande estima pela historiografia moderna. O historiador pode ser tomado como o exemplo típico de “intelectual servil”. Isso nos oferece amplas razões para nos aferrarmos à objetividade, da qual qualquer historiador precisará a fim de evitar seguir as opiniões em voga e também preservar uma abordagem crítica. Pesquisas sobre o legado de Lênin foram deixadas à margem da literatura *acadêmica* recente. Porém, isso não significa que novos livros e estudos sobre Lênin, sua vida e sua obra não apareçam diariamente². Embora seja óbvio que o marxismo de Lênin tenha sido, em essência, de natureza política e tenha moldado suas lutas políticas, ele abarcou virtualmente todos os problemas cruciais da época – problemas que, de maneira inegável, continuam sendo reconsiderados, em condições completamente novas.

Essas interpretações, no entanto, não apenas preservam antigos equívocos, como lhes acrescentam preconceitos de nossa época. O problema se encontra no próprio Lênin. Seu legado permite interpretações variadas, porque, em realidade, existiu uma “variedade” de Lênins – apesar da unidade e da coerência de suas ações, Lênin travou batalhas constantes contra si mesmo. Por exemplo, enquanto tentava escapar das garras da polícia secreta em 1917, as pressões imediatas do movimento ditaram uma postura bastante distinta daquela do teórico preocupado em libertar a humanidade. Durante a guerra civil, no auge do poder, “submerso” no terror, deparamo-nos com outro Lênin; e contornos de mais um perfil emergem se considerarmos seu “legado teórico e revolucionário” após 1922, com seu olhar fixo e distante, ao fazer seriamente enfermo. Há espaço tanto para o Lênin do outono [europeu] de 1917, cuja intenção era varrer do tabuleiro todas as peças do poder de Estado (pense-se, por exemplo, em *O Estado e a revolução**), quanto para o Lênin que surgiu após Outubro de 1917, o político e estadista

² Se não a figura do próprio Lênin, ao menos a história e a interpretação da Revolução Russa têm permanecido, naturalmente, tema central dos estudos russos. Um relato sucinto das diferentes abordagens historiográficas coexistentes – das explicações pós-modernas às antigas conservadoras e *new cultural* – pode ser encontrado em *1917 год. революционная Россия : сборник обзоров и рефератов / 1917 god revoliutsionnaya Rossiia : sbórník obzóróv i referátóv* [A Rússia revolucionária de 1917: coletânea de resenhas e resumos] (Moscou, Inion, 2007).

* Vladimir Ilitch Lênin, *O Estado e a revolução* (trad. Edições Avante! e Paula Almeida, São Paulo, Boitempo, 2017). (N. E.)

que tentou organizar o Estado soviético. No entanto, resumir a obra teórica de Lênin a suas medidas políticas pragmáticas, com frequência ditadas por pura necessidade, é cometer um sério erro metodológico. Como veremos, distorções desse tipo podem se basear em visões de mundo muito diferentes, até mesmo contraditórias. Não obstante todas as “lutas interiores” de Lênin, existiu uma linha de desenvolvimento intelectual mantendo coesa a obra de sua vida inteira. Este livro explora “as diferenças e a unidade” entre esses “vários” Lênins.

O assunto deste livro não é inédito no campo húngaro de pesquisas a respeito de Lênin. Uma publicação de György Lukács sobre o que ele chamou de “estudo em linhas gerais” da “unidade” do pensamento de Lênin saiu já em 1924³. Seu ensaio de cem páginas é uma obra filosófica autônoma de extraordinário valor e, como tal, tem uma vida independente⁴. Este livro, porém, tem um propósito diferente: reconstruir a história das ideias no pensamento de Lênin, seus pontos de vista teóricos e sociológicos. Pode parecer que o panorama histórico recente não é adequado a uma abordagem objetiva da pesquisa sobre Lênin. Mas isso não é verdade. Nenhuma temática política atual, não importa o peso que tenha, é capaz de conduzir o assunto a seu bel-prazer pelos portões da história – e das ciências históricas.

Ao mesmo tempo, há livros que, de fato, parecem ter sido escritos sem nenhuma “razão lógica”, por serem alheios ao “espírito de seu tempo”; seu tema parece obsoleto. Em muitos casos, porém, tal julgamento pode se transformar em seu oposto em um momento futuro (como aconteceu com Ervin Szabó, Trótski ou Bukhárin). Caso se dedique alguma reflexão à *história* do fenômeno Lênin, o caráter oportuno das pesquisas sobre ele pode se tornar claro. A memória recente de inúmeros estudos, brochuras e livros sobre a vida de Lênin publicados durante os anos de socialismo de Estado ainda aflige a Hungria. O primeiro historiador húngaro a tratar seriamente do assunto foi Gyula Szekfű. Em um discurso memorial proferido em janeiro de 1948, Szekfű, como embaixador húngaro em Moscou, reconheceu a importância de Lênin como estadista e arquiteto do Estado – esse discurso não demorou a surgir em versão impressa⁵. Nos anos seguintes, as obras de Lênin foram publicadas em grande quantidade e incrível variedade de formatos. Durante a década de 1960, apenas a relação das obras dele disponíveis no

³ György Lukács, *Lenin: A Study on the Unity of His Thought* (Nova York, Verso Books, 2009) [ed. bras.: *Lenin: um estudo sobre a unidade de seu pensamento*, trad. Rubens Enderle, São Paulo, Boitempo, 2012].

⁴ No início da década de 1970, Rudi Dutschke descobriu a importância desse estudo de Lukács na história da recepção de Lênin e, a partir dali, fez um sério esforço para reconstruir as realizações teóricas de Lênin, para “pôr Lênin em pé”. Ver *Versuch, Lenin auf Die Füße zu stellen. Über den halbasiatischen und den west-europäischen Weg zum Sozialismus. Lenin, Lukács und die Dritte Internationale* (Berlim, Klaus Wagenbach, 1974).

⁵ Gyula Szekfű, *Lenin* (Budapeste, Magyar-Szovjet Művelődési Társaság, 1948).

idioma húngaro ocupava um volume inteiro⁶. É claro, a interpretação universal, “sistematizada”, de Lênin – o “texto canônico” – foi monopólio russo até 1989. Essa é a explicação óbvia para o fato de nenhuma interpretação *abrangente* ter sido publicada na Hungria, a não ser que consideremos as biografias oficiais soviéticas, lançadas em todos os idiomas da Europa oriental⁷.

O centenário de Lênin foi, em certo sentido, um evento de grande magnitude. Pareceu uma espécie de guinada, até mesmo do ponto de vista húngaro. Afinal, na época viviam-se as repercussões de 1968 e a ascensão da “nova esquerda”. Pode ser motivo de surpresa que, em 1970, quando Lênin faria cem anos, o professor György Ránki tenha realizado um seminário *crítico* sobre ele no Departamento de História da Universidade de Debrecen (Hungria), como parte das “celebrações memoriais” acadêmicas, enquanto seu assistente, o então jovem Lajos Menyhárt, abordava o mesmo tema em conformidade com seus próprios interesses. Em “saraus literários”, estudantes da Universidade de Ciências Lajos Kossuth e da Universidade Loránd Eötvös denunciaram as desigualdades sociais da época, demonstrando uma crítica de esquerda ao sistema vigente. Para a intelectualidade húngara, o “Lênin” “literário” do escritor László Gyurkó foi o ápice das celebrações memoriais – seu *Lenin, Október* [Lênin, Outubro] retratava o líder da revolução para além dos clichês da literatura de propaganda.

Na verdade, uma espécie de reavaliação já havia começado nos anos 1960⁸. A primeira biografia de Lênin com ampla influência e rigor científico foi escrita por um intelectual estadunidense de esquerda, Louis Fischer⁹. Livro excelente, principalmente se comparado à literatura publicada até então, não apenas contestava o retrato oficial soviético – chancelado por P. N. Pospíelov –, como apresentava esboços de uma nova interpretação de Lênin, com base em uma profusa e séria literatura sobre o assunto. Além de tratar dos temas históricos costumeiros, o livro apresentava em primeiro plano o papel de Lênin “como ditador” e as relações dele com seus companheiros revolucionários – tópicos

⁶ *Lenin műveinek Magyar bibliográfiája 1960-1969* [Bibliografia húngara da obra de Lênin, 1960-1969], (Budapeste, MSZMP KB Párttörténeti Intézete, 1970). O volume foi publicado “com o objetivo de atender ao aumento do interesse geral e científico por ocasião do centenário de Lênin”. Outra publicação adequada aos tempos, que surgiu por ocasião do centenário, publicada pela editora Kossuth, foi *Lenin és a magyar munkásmozgalom* [Lênin e o movimento trabalhista húngaro], de László Réti, com um tratamento bem minucioso do assunto.

⁷ A mais recente biografia soviética de Lênin de grande extensão a surgir no idioma húngaro foi: P. N. Pospíelov (org.), *Lenin. Életrajz* [Lênin. Biografia] (3. ed., Budapeste, Kossuth, 1980).

⁸ Ver Tamás Krausz, “Kutatás közben. Megjegyzések a Lenin-tematikához az ‘új’ dokumentumok fényében” [Pesquisa em curso. Notas sobre o tema Lênin à luz de “novos” documentos], *Történeti Tanulmányok* (Debrecen, Universidade de Debrecen, 2001), n. 9, p. 83-4 e 97.

⁹ Louis Fischer, *The Life of Lenin* (Nova York/Evanston/Londres, Harper and Row, 1964).

que ainda eram tabus na União Soviética (e na Europa oriental) dos anos 1960. Embora a tradução russa do livro de Fischer tenha sido publicada apenas em Londres¹⁰, a obra exerceu alguma influência no “sistema socialista mundial”, ainda que evidentemente não se possa atribuir a ela qualquer efeito importante na vida intelectual soviética.

Apesar das celebrações do centenário, nenhuma análise minimamente profunda ou séria enriqueceu o *culto à personalidade de Lênin* na União Soviética, talvez, em parte, como reação à abertura dos ainda recentes anos do governo Khrushchov. No entanto, durante a década de 1970 – dentro das limitações oficiais impostas às fontes utilizáveis e seguindo a linha ideológica exigida –, a abordagem de pormenores teve às vezes resultados de grande valor, na medida em que os eventos particulares foram processados segundo uma abordagem “positivista” e incrivelmente minuciosa¹¹. Nos anos 1980, a *perestroika* abriu as comportas, acarretando mudanças notórias: o culto à personalidade de Lênin foi soterrado pelo desmoronamento do sistema de Estado socialista da União Soviética, junto com a ideologia que o legitimava – o “marxismo-leninismo” –, construída a partir de Lênin e apoiada por um imenso sistema institucional, pela cultura e por uma multidão de acadêmicos que se empenhava em substanciar e sustentar o sistema¹².

Não é surpresa que o estudo e a ciência da história tenham se tornado ainda mais politizados desde a *perestroika* e que *escrever história* sobre o assunto tenha se transformado em *iniciativa política*. O novo sistema clamava por uma ideologia legitimadora. Documentos que não haviam sido incluídos nas “obras completas”

¹⁰ Idem, *Жизнь' Ленина/ Jizn' Liénina* [A vida de Lênin] (trad. Omry Ronena, Londres, Overseas, 1970).

¹¹ A exploração historiográfica das pesquisas relacionadas à biografia de Lênin nos anos de 1920 já havia começado. Ver N. V. Ilerítskaia, “Разработка Ем. Ярославским биографии В. И. Ленина”/ “Razrobotka Em. Iaroslávskim biografi i V. I. Lénina” [A elaboração da biografia de V. I. Lênin por I. Iaroslávski], em *История и историк/ Istoria i istoriki* [História e historiadores] (Moscou, Naúka, 1981), p. 165-84. Normalmente, apenas os “leninismos” de Stálin, Zinóviev, Kámenev ou Bukhárin são mencionados quando o assunto é a década de 1920, enquanto a *Лениниана/ Leniniiana* (Moscou/Leningrado, Gosudarstvennoye Izdatel'stvo, 1926), editada por Kámenev, publicou dois volumes de literatura a respeito de Lênin. Na Hungria, uma literatura progressista sobre a história soviética do período, e o papel que nela teve Lênin, foi publicada a partir de 1980, em Iván Harsányi, János Jemnitz e Gábor Székely (orgs.), *A nemzetközi munkásmozgalom történetéből. Évkönyv* [Da história do movimento operário internacional. Anual] (Budapeste, Magyar Lajos Alapítvány).

¹² Esse enorme projeto, de múltiplos autores, elaborou a base científica e o conteúdo histórico do marxismo-leninismo ao longo de mais de mil páginas, mas a obra terminou truncada, pois a mudança de regime fez com que a série fosse descontinuada. *История марксизма-ленинизма/ Istoria marksizma-leninizma* [História do marxismo-leninismo] (Moscou, Politícheskoi Literature, 1986-1990), v. 1-2.

de Lênin por razões e aspectos ditados pelo culto a ele, desconhecidos até mesmo de acadêmicos especialistas, vieram à luz, um após outro. Além do mais, sua publicação, bem como a reorganização do campo de estudo nessas novas bases, tiveram aspectos comerciais. Começou, assim, a escalada pela publicação e pela apresentação midiática de cada documento. Trocaram-se os sinais, e o “anticulto à personalidade” tomou a forma de um espetáculo midiático.

As características peculiares a tal desenvolvimento do comércio político tornavam-se cada vez mais aparentes, e historiadores sérios não demoraram a percebê-las. É claro que as novas tendências não eram difíceis de discernir, pois a retórica, a lógica e a mensagem dos anos 1950 retornavam sob novo disfarce e com outras funções: o que na época fora dramático passou a ser comédia de pastelão. Conforme indicou Eric Hobsbawm a respeito da sustentação disso na Europa, os iniciadores daquela guinada se encontravam entre antigos marxistas/comunistas franceses que haviam se tornado historiadores renomados.

Embora o Congresso Internacional de Ciências Históricas de 1950 tenha atraído jovens marxistas, vários historiadores excelentes, e mais tarde anticomunistas, que à época eram jovens ativistas linha-dura do Partido Comunista – como François Furet, Anne Kriegel, Alain Besançon, Le Roy Ladurie –, não compareceram. Só tive a felicidade de conhecê-los em seus períodos pós-comunistas.¹³

Cita-se mudança semelhante na filósofa húngara Ágnes Heller¹⁴, e seria possível incluir aqui toda uma lista de autores húngaros, caso suas conclusões no que se refere a Lênin não fossem embaraçosamente ruins.

Na Rússia, onde a figura de Lênin se destacava também na nova constelação ideológica, desenrolou-se uma situação um pouco diferente. Sem demora, a abordagem “iconoclasta” à maneira ocidental arraigou-se também naquele país, sob a liderança dos antigos exegetas marxistas-leninistas, de súbito “endireitados”. Não é necessário ir longe para encontrar exemplos clássicos: um deles seria o livro de Dmítri Volkógonov, ex-diretor do comitê político central das Forças Armadas russas, intitulado *Ленин / Lênin*¹⁵; outro, o menos famoso *Рассекреченный Ленин / Rassekretchienny Liénin* [Lênin desconfidencializado], de A. G. Látychev¹⁶. Ao

¹³ Eric Hobsbawm, *Interesting Times. A Twentieth Century Life* (Londres, Abacus, 2005), p. 328 [ed. bras.: *Tempos interessantes*, trad. S. Duarte, São Paulo, Companhia das Letras, 2002].

¹⁴ *Ibidem*, p. 137.

¹⁵ Dmítri Volkógonov, *Ленин: исторический портрет / Liénin: istoritcheski portriet* [Lênin: retrato histórico] (Moscou, Novosti, 1994).

¹⁶ A. G. Látychev, *Рассекреченный Ленин / Rassekretchienny Liénin* [Lênin desclassificado] (Moscou, Mart, 1996).

mesmo tempo, surgiram várias obras bem-sucedidas, baseadas em novos conceitos e pontos de vista sobre a história da Revolução Russa e do bolchevismo¹⁷, que foram brevemente delineadas por O. V. Volobúiev¹⁸. A nova conceituação oferece um relato superficial do teórico Lênin, uma espécie de “marxista dogmático”, e o descreve basicamente como político pragmático.

O pós-modernismo em voga, com seu “esquerdismo” desapontado e suas tradicionais atitudes neoconservadoras, situa Lênin na narrativa de “terrorismo e ditadura”. Na Hungria, a influência do retrato de Lênin apresentado por Richard Pipes, ancorado nas suscetibilidades da Guerra Fria dos anos 1950, tem provavelmente o maior número de seguidores – acompanhado de uma falta quase completa de interesse mais sério ou profundo¹⁹. Tomando emprestada a terminologia pós-moderna, a “desconstrução” de Lênin está completa, o que significa, na linguagem “oficial” de nosso tempo, que a “narrativa leninista” foi realocada no beco sem saída da história, como ocorreu com o “terrorismo” (entendido como qualquer oposição radical ao capitalismo) em geral. Essa classificação, hoje em alta, é conceitualmente mais indistinta e enganosa que qualquer outro experimento dedicado a racionalizar Lênin desde sua morte²⁰.

No volume *В. И. Ленин: неизвестные документы, 1891-1922 / V. I. Liénin: neizvestnye dokumiénty, 1891-1922* [V. I. Lênin: documentos desconhecidos]²¹, encontra-se praticamente toda a gama de documentos sobre Lênin que haviam

¹⁷ Possivelmente, o melhor retrato histórico do novo período é o proporcionado pelo coletivo de autores liderado por Volobúiev (A. A. Kossakóvski, V. I. Stártsev, A. I. Stepánov, S. V. Ustinkin, A. I. Útkin). Ver O. V. Volobúiev, *Драма российской истории: большевики и революция / Drama rossískoi istóri: bolcheviki i revoliútsia* [O drama da história russa: os bolcheviques e a revolução] (Moscou, Nóviy Khronograf, 2002).

¹⁸ *Ibidem*, “Introdução”.

¹⁹ No decurso de seu uso político dos arquivos, Richard Pipes publicou uma seleção dos “novos” documentos sobre Lênin sem ao menos empreender uma análise adequada das fontes. Para os resultados desse tendencioso processo de seleção, ver os 120 documentos de Lênin em Richard Pipes, *The Unknown Lenin: From the Secret Archive. Annals of Communism* (New Haven, Yale University Press, 1996).

²⁰ O melhor experimento conceitual nascido dessa “subversão” intelectual é a extensa obra, em três volumes, de Robert Service, cujo primeiro volume – datado da década de 1980 – foi escrito em reconhecimento à “grandeza” de Lênin. Os dois volumes seguintes tratam, em essência, da “desarticulação” do pensamento de Lênin, e sua argumentação, na maior parte, não ultrapassa uma apologia da “narrativa” do terror e da ditadura, juntamente com a “descontextualização”, a “desconstrução” e o “desmonte” dos textos de Lênin. Ver Robert Service, *Lenin: A Political Life* (Londres, Macmillan, 1985-1995), v. I-III.

²¹ Iúri Nikoláievitch Amiantov et al. (orgs.), *В. И. Ленин: неизвестные документы, 1891-1922 / V. I. Liénin: neizvestnye dokumiénty, 1891-1922* [V. I. Lênin: documentos desconhecidos] (Moscou, Rosspen, 1999).

sido falsificados ou censurados durante o período soviético. No entanto, o autor da conclusão, Vladlen Lóguinov, ressalta que não se deve atribuir à publicação importância maior do que ela merece, pois os 422 documentos que a compõem são uma gota no oceano, se considerarmos os 24 mil documentos abrangidos pelos 55 volumes das obras completas de Lênin, os volumes da *Ленинский сборник/ Lienínski sbórník* [Coletânea Lênin] e os múltiplos volumes de *Декреты советской власти/ Dekriéty soviétskoj vlásti* [Decretos do poder soviético] e *Биографическая хроника/ Biografítcheskaia khrónika* [Crônica biográfica] – todas publicações soviéticas de renome mundial que servem de fontes primárias²². Outro fato incrível deve ser salientado: nos 55 volumes das obras completas de Lênin, há mais de 16 mil livros, brochuras, artigos, diários, documentos e cartas citados ou utilizados de outros modos. “As fontes são citadas em mais de vinte idiomas. O escritório de Lênin no Krêmlin abrigava mais de 10 mil livros e jornais, muitos deles obras literárias.”²³

Sem dúvida, algum interesse social generalizado por abordagens objetivas sobre Lênin se mantém, embora na Rússia isso quase sempre derive de uma espécie de postura defensiva, uma necessidade cujas causas político-históricas e psicológicas não é necessário abordar aqui²⁴. O “anticulto à personalidade” que passou ao primeiro plano imediatamente após a mudança de regime nunca fez frente ao fenômeno da sobrevivência, na população em geral, da imagem positiva de Lênin, acompanhada de um nacionalismo bastante arraigado e de valores patrióticos tradicionais. De fato, segundo uma pesquisa sociológica de 1994, no auge do desmascaramento de Lênin, ele ainda era a segunda figura histórica mais popular no país (33,6%), logo atrás de Pedro, o Grande (40,6%)²⁵.

Uma estranha obscuridade cerca o fato de que o “culto à personalidade” de Lênin tenha se construído de modo independente de seus desejos expressos – que permanecem ocultos até hoje – ou, até mesmo, em contrariedade a eles. A questão torna-se muito distinta à luz de documentos que refletem as emoções e as

²² Ibidem, p. 581.

²³ Vladímir Efímovitch Melnitchenko, *Личная жизнь Ленина/ Litchnaia jizn Liénina* [A vida pessoal de Lênin] (Moscou, Voskresenie, 1998), p. 113.

²⁴ Não obstante, o último diretor do Museu Lênin (entre 1991 e 1993), incumbido de sua “liquidação”, dedicou-se à pesquisa nesse campo, com a meta de obter reconhecimento dos fatos. Idem, *Феномен и фантом Ленина: 350 миниатюр/ Fenómen i Fantóm Liénina: 350 miniatiur* [O fenômeno e o fantasma de Lênin. 350 miniaturas] (Moscou, Museu Lênin, 1993).

²⁵ Elena Anatólievna Kotelenec, *В.И. Ленин как предмет исторического исследования/ V. I. Liénin kak predmet istorítcheskovo issledovánia* [V. I. Lênin como objeto de pesquisa histórica] (Moscou, Izdatelstvo Rossískovo Universiteta Drújby Náródov, 1999), p. 9-10. Em 1989, era de longe o mais popular, já que 68% dos entrevistados o consideravam a figura histórica mais eminente, mais até que Marx e Pedro, o Grande.

reações políticas e sociopsicológicas que se seguiram à morte de Lênin, em especial os informes do GPU (Diretório Político do Estado) sobre os ânimos gerais. A atração da “personalidade forte” de Lênin, em meio ao temor da sublevação e da mudança súbita, encontra-se refletida em vários documentos não apenas no que se refere aos trabalhadores arrebatados pelo espírito revolucionário²⁶, mas também na população rural de modo geral. Foi assim que Lênin surgiu primeiro como “protetor do povo russo” contra agressores estrangeiros (em especial os judeus, é claro): todos esses sentimentos estiveram também tingidos de forte convicção religiosa. Os que detinham o poder utilizavam a fórmula “Lênin é o partido, o partido é Lênin” para tentar fortalecer e conservar a legitimidade revolucionária do novo sistema. Enquanto isso, em oposição ao culto à personalidade (e àqueles no poder), uma antipatia por Lênin (o anticulto à personalidade) tomava forma, alimentada da mesma maneira por raízes religiosas e sociais²⁷. De fato, a cerimônia fúnebre e a construção do mausoléu, com embalsamamento e exposição pública do cadáver, foram igualmente espetáculos de devoção ao “bom pai”. Tal evento conta com toda uma literatura própria²⁸. Em segundo plano, uma espécie de ingênua esperança messiânica, além de convicção e crença, animava o crescente culto a Lênin. Uma multidão de trabalhadores e camponeses associava ao líder da revolução esperanças de um mundo melhor, via corporificada nele a concretização material e realista de uma sociedade justa e dos ideais a ela relacionados. Tudo o que a maioria comunista adicionou a isso – seus esforços para “incentivar-ensinar” e esclarecer e seu desejo de poder – foi o moderno cimento ideológico de tais fatores. O mote de “devoção à causa” soou até mesmo durante

²⁶ Em certo distrito, os operários exigiram a execução dos participantes e dos organizadores do suposto assassinato de Lênin. A polícia secreta relata que, na *gubiéria* de Tambov, “a morte de Lênin deprimiu os operários. Mil participantes do Clube dos Ferroviários, em decisão unânime, foram a favor do fuzilamento imediato de todos os SRs [socialistas revolucionários] aprisionados [referência ao fato de que uma assassina SR, Dora Kaplan, havia ferido Lênin em agosto de 1918], por estarem envolvidos na morte de Lênin”. V. A. Kózlov (org.), *Неизвестная Россия XX век/ Neizístnaia Rossíia XX vek* [A Rússia desconhecida do século XX] (Moscou, Obiediniénie “Mosgorarchiv”, 1993), p. 13.

²⁷ Uma análise dos documentos encontra-se em Olga Velikánova, “Lenin alakja a 20-as évek tömegtudatában” [A figura de Lênin na consciência das massas dos anos 1920], *Eszmélet*, n. 20, dez. 1993, p. 190-202. O problema fica ainda mais explícito quando são considerados os vários relatórios secretos da GPU aos escalões superiores do poder, que registravam o “ânimo do povo” em relação à doença de Lênin. Compare-se a “Совершено секретно”: *Лубянка-Сталину о положении в стране (1922-1934 гг.)* / “Sovershenno sekretno”: *Lubianka-Stálinu o polojiéni v stranié (1922-1934gg.)* [“Ultrassecreto”: da Lubianka a Stálin sobre a situação da nação (1922-1934)], v. 1 (Lewiston, Edwin Mellen Press/Institute of Russian History, 2000), cap. 2, especialmente p. 825-6, 838 e 880.

²⁸ Ver, sobre o assunto, Ákos Szilágyi, “Totális temetés” [Funeral total], 2000, n. 5, 1993-1995.

o funeral de Lênin. A circunstância típica de trabalhadores competindo pelo direito de participar da cerimônia fúnebre do líder – sob os trinta graus Celsius negativos de um janeiro congelante – não foi necessariamente resultado de uma organização de cima para baixo, e canções temáticas que apresentavam Lênin no papel de herói popular e oráculo começaram a se difundir²⁹.

Essa crença no futuro estava encarnada no modo como o povo se relacionava com Lênin. Esse efeito formativo que ele teve para o mundo interior dos jovens heróis à época de sua morte está exemplificado em *Сентиментальный роман*, de Vera Panova:

Estavam na esquina, e o vento gélido assoviava e fustigava-os enquanto tiritavam, calçados com botas ordinárias, batendo dentes ao falar: “Como era Ilitch? Alguém o tinha visto?”. Iugai o tinha visto no terceiro congresso do Komsomol. Porém, Lênin significava algo infinitamente maior na vida deles. Não apenas em anos passados, mas nos vindouros, para sempre, era impossível dizer o quanto significava para eles. Sempre estaria ali, não importava o que acontecesse. Era o que sentiam, e assim deveria ser. Para sempre ligados a Lênin, seu maior exemplo de vida, desejavam saber todos os detalhes sobre ele, como se parecia, sua voz, seu caminhar, que coisas guardava em seu quarto, que relações mantinha com seus camaradas, com sua família. Todos falavam ao mesmo tempo, contando aos outros o que sabiam ou qualquer coisa que lhes viesse à mente.³⁰

Tempos depois, a doutrina socialista oficial de culto stalinista foi construída sobre o mesmo sincero fervor revolucionário, sem que as “duas camadas” jamais se distinguíssem com clareza em termos históricos. É evidente que historiadores que buscam relação entre o “culto” e o “anticulto” não são motivados puramente por metas profissionais. Todo o legado de Lênin está tão vinculado às dimensões

²⁹ Por exemplo, a polícia secreta relata: “Observaram-se fortes desejo e interesse da parte dos operários do distrito de Zamoskvorecki em participar da despedida ao corpo de Ilitch, em números tão elevados quanto possível, e foi difícil convencer os operários a selecionar uma delegação [...]”. V. A. Kózlóv (org.), *Neiziéstnaia Rossiia XX vek*, cit., p. 12. Essas canções ocasionais são analisadas por O. Velikánova em comparação a lendas orientais e contos folclóricos russos como esta canção uzbeque: “Então, Lênin morreu? Não, apenas seu corpo. Ele mesmo não pode haver morrido. Profetas não morrem. Ileso até hoje. O corpo de qualquer outro já teria virado poeira. Ele dorme e, às vezes, abre os olhos e arde de alegria. Porque pode ver: tem herdeiros dignos na forma de Rykov e Kálfínin. Pode ver: não deixaram espaço para discórdia. Cumpriram cada comando dele. Que durma em paz. Pode ter certeza: nenhuma palavra sua será falsificada”. *Ibidem*, p. 194.

³⁰ Vera Panova, *Сентиментальный роман/ Sentimentalni roman* [Romance sentimental], publicado no jornal *Новый Мир/ Novyi Mir* [Novo Mundo], 1958.

políticas práticas de “mudar o mundo” que alguns movimentos anticapitalistas ainda disseminam o “legado leninista”, como demonstram a iniciativa teórica de Slavoj Žižek (antes membro da oposição eslovena*) e os teóricos marxistas remanescentes nos círculos da Nova Esquerda, bem como numerosas reflexões trotskistas³¹. Ao discutir a obra de Žižek em seu exame das várias manifestações dos processos de vida do marxismo e suas formas “neo” e “pós”, Göran Therborn deu ênfase à apaixonada defesa que ele fez do marxismo destruidor de tradições, em oposição ao “liberalismo conformista”. A exortação de Žižek a “repetir Lênin” postula uma abertura para possibilidades de mudanças sociais radicais em uma situação aparentemente irremediável, na sequência de uma derrota desastrosa – no caso de Lênin, a Primeira Guerra Mundial e a ruptura da Segunda Internacional³².

Hoje, em uma situação histórica completamente diferente, as condições científicas e históricas de tal iniciativa são dignas de reflexão. Essa é uma das questões para as quais este livro pretende contribuir com argumentos.

Por esse ponto de vista, Lênin é, mais uma vez, parte de uma busca política e intelectual – embora periférica em aparência – pelo caminho para seguir adiante, cuja trajetória, profundidade, potencial e perspectiva ainda são difíceis de avaliar. Fato é que, no que diz respeito à história do *socialismo* como movimento intelectual e sociopolítico do século XX, a obra de Lênin não pode ser ignorada.

Dois abordagens *metodológicas* extremas também se destacaram no campo dos estudos sobre Lênin. Uma delas deriva da progressão histórica do socialismo a partir das visões de Lênin (e mesmo das de Marx), ainda que a história – como se espera que os próximos capítulos deste livro esclareçam – não tenha sido a “realização” nem a corporificação das ideias de ambos. Tal abordagem leva à reprodução das interpretações de Lênin em termos de história da salvação, com um

* Na segunda metade dos anos 1980, após retornar de um período de estudos na França, Žižek se juntou à oposição de esquerda aos governos iugoslavos pós-Tito, tendo se candidato à presidência eslovena em 1990 pelo Partido Liberal Democrático. (N. E.)

³¹ Sebastian Budgen, Stathis Kouvelakis e Slavoj Žižek (orgs.), *Lenin Reloaded. Toward a Politics of Truth* (Durham/Londres, Duke University Press, 2007); Slavoj Žižek, “Afterwords: Lenin’s Choice”, em *Revolution at the Gates* (Londres, Verso, 2002) [ed. bras.: “Posfácio: A escolha de Lênin”, em *Às portas da revolução*, trad. Fabrizio Rigout e Luiz Bernardo Pericás, São Paulo, Boitempo, 2005]. Porém, outros movimentos marxistas, entre eles especialmente os trotskistas da Europa ocidental, cultivam a tradição de Lênin a seu próprio modo. Ver, por exemplo, Jean-Jacques Marie, *Lénine. 1870-1924. Biographie* (Paris, Balland, 2004) e Tony Cliff, *Lenin: Building the Party 1893-1914* (Londres, Bookmarks, 1986). Foi publicada nos Estados Unidos uma reconstrução de Lênin que talvez seja a mais significativa dos últimos tempos: Lars T. Lih, *Lenin Rediscovered: “What Is To Be Done?” In Context* (Chicago, Haymarket, 2008).

³² Göran Therborn, “After Dialectics. Radical Social Theory in a Post-Communist World”, *New Left Review*, n. 43, 2007, p. 106.

prognóstico diametralmente oposto³³. Uma segunda abordagem, exemplificada por uma nova tendência na literatura histórica estadunidense que estuda primariamente os “fundamentos culturais” do sistema soviético em evolução – contrastando os adeptos do conceito de totalitarismo –, enfatiza que as “ideias” e os “mitos” do marxismo, bem como as ideologias e os objetivos políticos marxistas, ganharam relevância como expressões de estruturas e mentalidades históricas. Em outras palavras, essa abordagem não extrapola a significação do marxismo entre os processos históricos com base em nenhum compromisso individual, personalidade excepcional nem danação; em vez disso, o faz a partir, por exemplo, “das ambições geopolíticas da Rússia” ou “do sentido de uma vocação especial”, de características específicas de rotina e estilo de comando e outros fatores de história cultural³⁴. Como poderia o partido bolchevique ter combatido a polícia secreta tsarista, se sua organização não fosse, de certo modo, semelhante à dela?

Além disso, há uma terceira abordagem, “gêmea” da totalitarista, que se sobressai pelo antiquado determinismo mecanicista. Considera o processo histórico uma série lógica de eventos sem alternativas, a “consumação do socialismo”, na qual Lênin sempre reconheceu a escolha certa e decidiu de acordo com ela³⁵. Na

³³ Charles Bettelheim chamou atenção para o erro metodológico arraigado na tentativa de derivar dos princípios a história (soviética). Charles Bettelheim, *Class Struggles in the USSR. Second Period 1923-1930* (Sussex, The Harvester, 1978), p. 11-2, disponível em: <www.marx2mao.com/Other/CSSUi76NB.html>; acesso em: 17 maio 2017 [ed. bras.: *As lutas de classes na URSS*, v. 2, trad. Célia Pestana, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983]. Uma abordagem desse tipo do socialismo, de natureza “idealista” moderna, está representada por János Kornai, *The Socialist System. The Political Economy of Communism* (Princeton/Oxford, Princeton University Press/Oxford University Press, 1992), resenhada criticamente por mim tendo em vista sua abordagem histórica. Ver Tamás Krausz, “Ahistorical Political Economics”, *Social Scientist*, Nova Déli, v. 24, n. 1-3, jan.-mar. 1996, p. 111-39. János Kornai honrou a resenha ao declarar que a crítica apresentava uma perspectiva “esquerdista”, mas não refletiu sobre o problema metodológico. Ver János Kornai, *By Force of Thought. Irregular Memoirs of an Intellectual Journey* (Cambridge-MA/Londres, The MIT Press, 2007). Para uma resenha do livro, ver László Andor, “Dilemmák és ellentmondások” [Dilemas e contradições], *Eszmélet*, n. 74, 2007, p. 135-44.

³⁴ Sobre o assunto, ver Stephen Kotkin, “1991 and the Russian Revolution: Sources, Conceptual Categories, Analytical Frameworks”, *Journal of Modern History*, Chicago, v. 70, n. 3, 1998, p. 384-425.

³⁵ Para uma obra altamente ilustrativa nessa linha, escrita por um historiador húngaro, ver István Dolmányos, *Ragyogó október* [Outubro radiante] (Budapeste, Kossuth, 1979). Escrevem-se poucas obras como essa hoje. Para uma publicação mais recente com a mesma abordagem, ver F. D. Vólkov, *Великий Ленин и пугмей истории/Vieliki Liénin i pigmei istóri* [O grande Lênin e a história nanica] (Moscou, MID RE, 1996). Para um panorama objetivo da literatura sobre Lênin após a mudança de regime, ver Elena Anatólievna Kotelenec, *V. I. Liénin kak predmet istoricheskovo issledóvaniá*, cit.

Hungria, o caso de István Dolmányos demonstra que esse retrato de Lênin e da revolução deriva não das habilidades do historiador, mas do espírito da época³⁶. Também é evidente que o legado de Lênin pertence às páginas curiosas da história do marxismo-leninismo. Obviamente, é possível observar e interpretar tal grupo de fenômenos a partir de perspectivas fornecidas por qualquer “narrativa” ou “paradigma”³⁷. No entanto, uma chave para o entendimento pode ser encontrada apenas no próprio “paradigma” teórico de Lênin, em seu marxismo, porque somente é possível capturar de maneira adequada os estímulos, as motivações e o desempenho de seu pensamento político-teórico dentro desse quadro conceitual. Lênin jamais se conforma às expectativas normativas “alheias”, na medida em que sua obra foi dedicada à mudança radical do *existente* e simplesmente não pode ser interpretada sem que se considere esse objetivo.

Enquanto isso, os obstáculos a tal análise imanente também ficam claros, já que o colapso do sistema estatal socialista desacreditou os conceitos básicos da tradição marxista, que estão no âmago do legado intelectual de Lênin: classe social, classe trabalhadora (proletariado), luta de classes, consciência de classe, ponto de vista de classe, movimento de classe etc.³⁸. Ainda que a erradicação da *classe* e de conceitos a ela associados, no mundo pós-1989, tenha se dado sob a aparência de numerosos novos paradigmas e teorias, seu caráter científico – para utilizar um eufemismo – é mais que relativo. O problema é que as relações e as

³⁶ A erudita *A Szovjetunió története* [História da União Soviética] (Budapeste, Kossuth, 1971), escrita por István Dolmányos na década de 1960, foi incluída na lista de livros banidos logo após a morte de Khrushchov. Essa circunstância teve, mais tarde, papel decisivo na mudança de sua abordagem como escritor, que se expressou conforme a necessidade de um modo de descrição conservador e patético que foi norma na era Brejnev.

³⁷ Para documentação das várias escolas de interpretação, ver Rex A. Wade, *Revolutionary Russia: New Approaches* (Londres, Routledge, 2004).

³⁸ Uma declaração irônica de Göran Therborn a respeito desse estado de coisas: “A classe, outrora um dos mais importantes conceitos do discurso de esquerda, foi desalojada em anos recentes; em parte, ironicamente, por intermédio da derrota de tal discurso na luta de classes capitalista [...]. A classe persiste, mas sem moradia fixa e sendo contestada no direito de sua existência filosófica. Sua aparência social tornou-se quase irreconhecível, após ser jogada no ácido da política pura, como na filosofia política da hegemonia discursiva desenvolvida por Ernesto Laclau e Chantal Mouffe em *Hegemony and Socialist Strategy* (Londres, Verso, 1985), possivelmente a contribuição intelectual mais poderosa à teoria política pós-marxista. [...] A Europa proporcionou as origens da teoria da classe, bem como as da mobilização e da política de classe explícitas; seus movimentos de classe operária se tornaram modelo para o restante do mundo. [...] Não obstante, em termos de análise e teoria social, a classe inverna melhor na América do Norte. A obra de Erik Olin Wright desempenhou papel central em assegurar um lugar legítimo para a análise marxista de classe dentro da sociologia acadêmica”. Göran Therborn, “After Dialectics. Radical Social Theory in a Post-Communist World”, cit., p. 87 e 89.

estruturas determinantes da estratificação no desenvolvimento social se destacam hoje por sua posição específica de classe da mesma maneira que têm se destacado ao longo dos últimos duzentos anos. É importante não misturar os conceitos de classe *em si* e classe *para si* nem negligenciar as diferenças entre ambos (como se fez, a propósito, também sob o socialismo de Estado); esse lapso de significado ocorre com tanta frequência que não se precisa nem mesmo de exemplo para ilustrá-lo. A gama de termos oferecida pelas novas teorias sociais e políticas a fim de substituir “classe” inclui “domicílio”, “produtores e consumidores”, “antagonismos”, “população”, “profissão”, entre outros (sem mencionar termos cultivados por teorias racistas). Relações conflituosas entre indivíduos e grupos sociais, com raízes múltiplas – na economia, na história social e na sociedade –, pairam acima do conceito de classe até hoje. Mas quem negaria a oposição existente entre aqueles que têm propriedade e aqueles que não as têm, as contradições advindas do lugar na hierarquia produtiva, os fatos da exclusão social? Todo o sistema de disparidade de riquezas age constantemente nas relações humanas, e sua dura realidade se reflete como experiência rotineira em termos de distribuição. No fim das contas, é a emancipação social que está em jogo na luta consciente ou inconsciente para superar contradições sociais e conflitos de classe. Em outras palavras, o desenvolvimento histórico da sociedade pode ser apreendido sem ambiguidade, até mesmo em termos puramente empíricos, por meio dos conceitos relacionados à classe, da oposição entre trabalho e capital, da divisão do trabalho na sociedade e de seus termos, embora não possa ser descrito inteira e exclusivamente por esses fatores – a não ser que decaíamos em uma sociologia pré-marxista, de materialismo vulgar. Mas por que faríamos uma coisa dessas?

Esses conceitos não são dogmas em que se possa condensar qualquer conjunto de fatos históricos. São apenas abordagens. *Cultura e linguagem* como fontes primárias e pontos de partida para qualquer abordagem suscitam questões que, decerto, não são inférteis. Porém, ao atribuir à linguagem e às palavras uma significação virtualmente mágica, mística, e elevá-las, como entidades independentes, ao status de absolutos que existem acima das relações na sociedade, relativizam-se os fatos históricos, e o relato histórico se dissolve em narrativas. Assim, em uma conceituação da história na qual grupos, interesses e objetivos sociais, bem como disputas sociais e de poder, são apenas narrativas, o sucesso da narrativa revolucionária – isto é, a história, a reconstrução do passado – é condição funcional de quem pode falar à população no linguajar mais acessível e convincente. Essa abordagem da história dissolve a própria história, por assim dizer, até fazer dela apenas o passado recordado, e torna impossível o “recontar” coerente da história ou um estudo de suas coerências internas. De acordo com essa visão “pós-moderna”, o sucesso dos bolcheviques foi possível porque eles formularam uma narrativa revolucionária

“eficaz”, que perseverou na memória de indivíduos e grupos. Porém, a história abordada como “representação” e “mito” resulta em uma “institucionalização” da revolução, na qual se dissolve a busca das causas da ação em escala social e se domestica a historiografia tradicional (marxista ou não marxista), fazendo dela uma narrativa “descartável”³⁹. Naturalmente, isso não põe em questão a justificativa do pós-modernismo; apenas serve para chamar atenção para o fato de que graves perigos à historiografia surgem quando se abandonam as posições da historiografia investigativa “tradicional”⁴⁰. Questionamentos de que a historiografia seja ciência são um problema que remonta a décadas. Seguidores desse movimento promoveram uma espécie de “discursividade”, “inspiração”, “terminologia teórica”, “livre pensar” ou “filosofia pessoal” em oposição à ciência. Tal formulação foi empregada, sobretudo, contra Marc Bloch e Fernand Braudel, já nos anos 1970, por Raymond Aron, Henri-Irénée Marrou, Paul Veyne e outros. Seguiu-se a isso uma iniciativa estadunidense, a “virada linguística” na historiografia, e seus partidários europeus também tentaram lançar as bases de uma desconstrução do aparato conceitual dessa ciência⁴¹. Uma vez que estamos conscientes desse “problema linguístico”, fica claro que não podemos resolvê-lo com a eliminação do paradigma marxista, que surgiu de modo histórico, em favor do paradigma da “modernização”. Se usarmos as formas ocidentais de desenvolvimento para examinar diferentes caminhos de desenvolvimento, acabaremos por contradizer regras seculares da investigação histórica científica. Por essa razão, faremos o esforço de manter distância das mensagens “panfletárias” da linguagem do período histórico analisado, embora alguma “reconstrução” daquela “língua arcaica” falada pelo marxismo revolucionário pareça inevitável para a tarefa fundamental estabelecida para este livro: a *contextualização histórica* do legado de Lênin. Seria frustrante não ter sucesso em “desenterrar” alguns elementos históricos da cultura teórica

³⁹ Para uma “narrativa” a partir desse ponto de vista, substanciada com grande erudição e pesquisa minuciosa, ver Frederick C. Corney, *Telling October: Memory and Making of the Bolshevik Revolution* (Ithaca, Cornell University Press, 2004), especialmente p. 1-7.

⁴⁰ A obra de Gábor Gyáni, *Posztmodern kánon* [O cânone pós-moderno] (Budapeste, Nemzeti Tankönyvkiadó, 2003), busca oferecer a ideologia legitimadora do novo sistema “pós-socialista” com o emprego do *pós-moderno*, enquanto enfraquece a posição da historiografia “tradicional” e, primariamente (mas não exclusivamente!), opõe-se aos movimentos de abordagem marxista. Sua conceituação escancara os portões à história vista como interpretação da *história da memória* – transformando inevitavelmente a historiografia em uma espécie de empreendimento político.

⁴¹ Uma análise detalhada do assunto é oferecida por Gérard Noiriel em *Sur la “crise” de l’histoire* (Paris, Belin, 1996); em húngaro, *A történetírás válsága* (Budapeste, Napvilág, 2001), especialmente p. 116-35 e 150-68.

viável que se encontra oculta sob a ideologia legitimadora do antigo sistema de Estado socialista, particular e primariamente (mas não exclusivamente!) a partir do campo da ciência histórica.

A tarefa básica do historiador, como já se mencionou aqui, é, em primeiro lugar, colocar a série estudada de eventos e processos históricos, ou de “experiências” históricas, no contexto original. Tal tarefa exige ênfase quando se trata de um “fenômeno” tão controverso quanto o “fenômeno Lênin”. Embora a sistematização e a apropriação de seus pontos de vista, sua obra e seu legado teórico e político tenham começado logo após sua morte (na verdade, já no final de sua vida⁴²), a noção de leninismo é usada até hoje⁴³ com conotações amplamente divergentes. Não há discussão entre diferentes ideologias e movimentos, com variadas visões de mundo, sobre o fato de Lênin ter trazido à existência um “produto” intelectual e político extremamente original (embora não sozinho, tampouco sendo produto em si e de si mesmo), sem o qual a história do século XX não poderia ser analisada nem interpretada. Não é coincidência que historiadores sérios evitem todas as *analogias* quando o assunto é Lênin. Em ponderação, isso acontece, muito certamente, não porque se considere o desempenho de Lênin único e inédito na história mundial (essa pode ser uma das razões), mas porque é absurdo propor um Robespierre ou um Atatürk marxistas ou qualquer outro paralelo ainda mais absurdo. Esperamos que este livro relativamente extenso explique por que tais analogias são descabidas.

Do mesmo modo, uma monografia sobre Lênin que busque apreender – em um sentido predefinido e comparativo – sua obra como um todo, ou que ao menos pretenda discutir a obra completa, encontrará uma variedade de desafios além daqueles já discutidos. Acima de tudo, deve-se notar que, no decorrer da análise, um evento, um tema problemático ou determinada obra ou linha de pensamento de Lênin surgirão de maneira inevitável ao longo de diferentes capítulos, formulados com argumentos diferentes. Todas as obras que pretendem realizar a exposição temática e cronológica do assunto defrontam-se com

⁴² Essas lutas intelectuais e políticas, cujas metas são poder e legitimidade, foram examinadas em sua própria factualidade histórica há muitos anos, em livro escrito por este autor e Miklós Mesterházi, *Mű és történelem. Viták Lukács György műveriről a húszas években* [Obra de arte e história. Debates sobre as obras de György Lukács na década de 1920] (Budapeste, Gondolat, 1985), p. 101-30. Uma análise, rica em história, desse processo de legitimação é oferecida pela obra de Corney, *Telling October*, cit., especialmente p. 155-98.

⁴³ Seria difícil afirmar quem empregou, pela primeira vez, o termo “leninismo”; se Párvus ou Miliúkov, não importa. O indicador originalmente não abarcava definições de natureza teórica, mas referia-se, simplesmente, à abordagem “conspiratória” de Lênin a respeito do partido. Ver Párvus (originalmente I. L. Guélfand), “После войны”/ “Posle voini” [O pós-guerra], em *Россия и Революция/ Rosszia i Revoliútsia* [A Rússia e a revolução] (São Petersburgo, Glagolev, 1908), p. 188.

essa dificuldade. Esse “método composto” é um fardo adicionado pelo autor ao desenvolvimento do tema. No entanto, se bem-sucedido, pode fortalecer a coerência interna da obra e elucidar correspondências mais profundas na evolução do pensamento leninista. Tal tentativa de reconstrução histórica das visões de Lênin no campo da teoria social deve dispensar uma série de detalhes. No decorrer do tempo, muitas questões que se consideravam fundamentais não mais despertam interesse, e outras a que não se atribuía nenhuma importância ganharam importância recentemente, à luz do início do século XXI. Não apenas o próprio Estado soviético – celebrado por historiadores e políticos soviéticos como a maior conquista histórica de Lênin – desmoronou desde então, como também alvoreceu a percepção de que aquilo que fora trazido à existência era em tudo diferente do planejado pela primeira “geração leninista” de revolucionários. Até mesmo o conteúdo e o compasso verdadeiros do “plano” se esvaneceram com a pesquisa de Robert Service, a mais recente, valiosa e, talvez, mais extensa sobre o legado de Lênin, responsável por um “abalo no cenário”. É interessante que a mais recente literatura sobre o tema, de certa forma, retorne à percepção que se tinha de Lênin na era Stálin, levando em conta de forma mecânica o legado intelectual e teórico do primeiro, enquadrando-o como pura ideologia de legitimação. A desvantagem metodológica básica dessa abordagem é que ela desacopla elementos práticos e teóricos que deveriam permanecer interligados: as descobertas teóricas de Lênin e suas decisões políticas definitivas. Em paralelo, o substancial e o insubstancial estão misturados e, em vez de glorificação acrítica, deparamo-nos com a “retificação” de Lênin: entre setenta e oitenta anos após os acontecimentos, ficamos sabendo – por meio de uma exposição extraordinariamente longa – mais sobre o que um professor britânico teria feito em seu lugar, e sobre como Lênin deveria ter concebido o mundo em termos teóricos, do que sobre o que Lênin pensou e fez de fato⁴⁴. O autor deste livro prefere evitar tais armadilhas metodológicas, na esperança de consignar à erradicação final todas as justificativas acríticas.

Não é preciso dizer que determinar as proporções adequadas ao peso de cada assunto foi uma grande preocupação para o autor. O problema de haver, ou não, exagero no que diz respeito à influência de Lênin sobre o curso dos eventos e o papel e o peso de suas decisões políticas surgiu também para outros

⁴⁴ Deve-se admitir com toda franqueza que até mesmo a trilogia de Robert Service representa esses pontos de vista do começo ao fim. Seus constantes vereditos permitem que o leitor o considere mais “sábio”, “moral” e “bem preparado” que Lênin. O autor abandona o papel de historiador analítico em mais de uma ocasião e ensina ao protagonista os rudimentos de como fazer política, instalado no púlpito de árbitro derradeiro. Ver Robert Service, *Lenin*, cit., p. xiv-xv.

acadêmicos⁴⁵. Caso eu fosse criticar meu próprio trabalho, logo após completar este volume, mencionaria o fato de que, mesmo tendo feito esforços constantes para levar teoria e prática políticas a uma correlação orgânica, restou a sensação de que, em certas questões – em particular devido ao modo como se apresentava o assunto –, inadvertidamente exagerei a base teórica sobre a qual se apoiavam as ações políticas de Lênin. Ao mesmo tempo, não creio que esse “exagero” tenha deixado marca nas proporções internas da obra como um todo, tampouco na lógica histórica de seu argumento. Este também é o momento de declarar que o autor lutou constantemente contra seus próprios preconceitos, mas jamais desistiu de reconstruir os mosaicos que “desmontou”.

⁴⁵ Até mesmo o eminente historiador Robert Service estava ciente do problema enquanto compilava sua trilogia; ele teve a impressão de que “a influência de Lênin em conjunturas políticas, como as decisões de tomar o poder em outubro de 1917, assinar o Tratado de Brest-Litovsk em 1918, estabelecer uma Internacional Comunista em 1919 e iniciar a Nova Política Econômica em 1921, tenha sido exagerada”. *Ibidem*, v. III, p. xvi.